



## SEM MEDO DA LIBERDADE: CONSIDERAÇÕES EXTEMPORÂNEAS SOBRE O AUTORITARISMO

### Renato Marcelo Resgala Júnior

Doutor em Sociologia Política pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense - Darcy Ribeiro, em Campos dos Goytacazes; membro do Ateliê de Estudos de Gênero - ATEGEN do PPGSP. Professor da UniRedentor-Afya. Itaperuna-RJ

[renatoresgaljr@gmail.com](mailto:renatoresgaljr@gmail.com)

### Marinete dos Santos Silva

Possui mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1976) e doutorado em Estudo das Sociedades Latino Americanas - Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) (1991). Atualmente é Professora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro dos Cursos de Graduação em Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (mestrado e doutorado). É também coordenadora do Ateliê de Estudos de Gênero (ATEGEN). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes temas: desigualdade de gênero, violência de gênero, escravidão, educação e cidadania. Foi professora visitante da Universidade Federal do Pará e pesquisadora associada ao Programa de Pós-Graduação em História (mestrado e doutorado) da Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ

[marinetedss@gmail.com](mailto:marinetedss@gmail.com)

### Resumo

Os frankfurtianos pensaram as formas como o fascismo, enquanto estruturas de poder regressivas pelas quais se sobressaem a violência e a barbárie social, pôde engendrar-se nos espaços políticos, culturais e sociais. Neste artigo de revisão teórico-histórica, apresentaremos o pensamento de Adorno, Fromm e Horkheimer que conjugam as relações do pensamento autoritário, comumente administrado pelas perspectivas fascistas, em face à ideia de liberdade individual, cerceada, por sua vez, pelas correntes totalitaristas. Dessa forma, acreditamos que teremos possibilidades de se entenderem, por extensão, determinadas práticas e acontecimentos políticos de nossa contemporaneidade.

**Palavras-chave:** autoritarismo; totalitarismo; Escola de Frankfurt.

## Abstract

The Frankfurtians thought about the ways in which fascism, as regressive power structures through which violence and social barbarism stand out, could be engendered in political, cultural and social spaces. In this theoretical-historical review article, we will present the thought of Adorno, Fromm and Horkheimer who combine the relations of authoritarian thought, commonly administered by fascist perspectives, in the face of the idea of individual freedom, restricted, in turn, by totalitarian currents. In this way, we believe that we will have possibilities to understand, by extension, certain political practices and events of our contemporaneity.

**Keywords:** authoritarianism; totalitarianism; Frankfurt School;

## INTRODUÇÃO

O presente artigo visa a uma apresentação de conceitos referentes às teorias sobre liberdade de Erich Fromm, a partir de sua obra Medo à Liberdade. Nesse viés, pretendeu-se discutir sobre as relações conceituais que aproximam o pensador da corrente frankfurtiana de pensamento do século XX.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE FROMM: QUESTIONANDO O AUTORITARISMO

*“Na longa e praticamente contínua batalha pela liberdade, contudo, as classes que lutavam contra a opressão em determinada fase, uma vez obtida a vitória, enfileiravam-se ao lado dos inimigos da liberdade para defender novos privilégios”*  
(Erich Fromm, Medo à liberdade)

*À medida que o homem comum se retira da participação dos assuntos políticos, a sociedade tende a regredir à lei da selva, que esmaga todos os vestígios da individualidade*  
(Max Horkheimer, Eclipse da razão)

*“A cadela do fascismo está sempre no cio”*  
(Bertold Brecht)

*“Guerra é paz. Ignorância é força. Liberdade é escravidão”*  
(George Orwell, 1984)

Publicada em meio à 2ª Grande Guerra, em 1941, nos EUA, pelo psicanalista, sociólogo e filósofo alemão Erich Fromm, pesquisador, à época, da Escola de Frankfurt, a obra intitulada “Medo à liberdade” apresenta um complexo estudo sobre o caráter do autoritarismo (tendo como pano de fundo a ascensão do nazismo), a destruição das capacidades individuais de tomadas de decisão sobre a vida, verificada pela massificação das individualidades no contexto de suas relações, e sobre a constituição do conformismo e da negligência crítica, provenientes de uma generalização do pensamento e comportamento cultural.

Sua tese centra-se no perigo da transformação dos homens em seres autômatos, incapazes de se libertarem das amarras e grilhões dos perspectivismos políticos autoritaristas (tomando aqui expressões de seus colegas frankfurtianos, Theodor Adorno e Herbert Marcuse, a transformação dos homens em seres genéricos e/ou unidimensionais, aglutinados à esfera das práticas e pensamentos políticos ditatoriais, assim como deglutidos pela máquina capitalista econômica).

Para que entendamos como se dá um processo de transformação de uma sociedade, no seio de sua constituição psicológica e social, no que concerne à liberdade, algumas perguntas pairam à frente de nossos olhos: o que é essa ideia de liberdade? Meramente uma experiência social? Seria uma força especial que empurra e puxa para o caminhar dos processos histórico de uma sociedade? Que fatores econômicos, culturais, políticos e sociais a transformam, por vezes, em um fardo e, por outras, em uma necessidade? De quais formas os fatores psicológicos interferem ativamente no processo social de construção do caráter de um indivíduo que prezara pela sua liberdade de escolhas, pensamento, conduta e perspectivas morais?

Ao levantarmos tais questões, o que nos vem à cena é uma série de fatores condicionantes que se inter-relacionam no campo da economia, da psicologia e das experiências cotidianas da vida social; e com essa série de questionamentos, outras perguntas se desdobram: seria, então, o autoritarismo um estado de negligência somente, em que abrimos mão de nossas vontades individuais para um estado de obediência severa e apaixonada, sádica e – tantas vezes - irracional? Ou seria uma característica sociocultural de uma sociedade em crise que, por condições de transformações econômicas e sociais, descobre no autoritarismo o berçário para o crescimento de forças obscuras, como o fanatismo (religioso e político, sempre aliados), a ignorância como poder, a violência como paz, a total aceitação de reducionismos ideológicos como necessária a um estado de pertencimento?

Não teríamos, então, fechados os nossos olhos em períodos de escassez econômica a grupos políticos obtusos, não auscultado os grunhidos da crueldade e da estupidez que

crecem, ferozmente, no terreno fértil de uma sociedade que vivencia a miséria econômica e cultural?

Quando o fascismo subiu ao poder, a maioria das pessoas estava despreparada, tanto teórica quanto praticamente. Elas não foram capazes de crer que o homem pudesse exibir aquelas propensões para o mal, aquela ânsia de poder, aquele desprezo pelos direitos dos fracos ou aquele anelo de submissão (FROMM, 1983, p. 17)

Sigmund Freud percebia uma dicotomia entre a humanidade e a sociedade. Para ele, o homem é, por natureza, um ser antissocial, sendo que a sociedade deveria domesticá-lo pela satisfação ou refreamento de seus impulsos – ditos – naturais.

No entanto, seria uma verdade absoluta que todos nos relacionamos com os outros apenas com finalidades de estabelecimento de nossas vontades (prazeres, desejos, anseios)? Será que somos todos indivíduos autossuficientes que apenas estamos em inter-relação com a sociedade com vistas a obter, como na economia das relações sociais, o lucro, o ganho, a vantagem, o prazer e a felicidade com a satisfação contínua de nossas vontades?

A crítica presente no posicionamento teórico de Erich Fromm, de encontro aos estudos de Freud, fica mais nítida nesse ponto. Aquilo que é dito como uma natureza do homem é, pois, um produto cultural e social, uma convenção de valores que se transformam nas relações espaço-temporais, sob os princípios que constituem as relações econômicas e determinam, por conseguinte, a cultura de uma sociedade. Os impulsos da teoria freudiana dão lugar a uma perspectiva em Fromm na qual esses são percebidos como anseios, necessidades moldadas para serem resultados das ações humanas, oriundos de processos sociais múltiplos e que trazem, consigo, cargas de significações:

Contrariando o ponto de vista de Freud, a análise apresentada neste livro baseia-se na suposição de que o problema crucial da Psicologia é o do tipo específico de relacionamento do indivíduo com o mundo e não o da satisfação ou frustração desta ou daquela necessidade instintiva per se; ademais, na suposição de que a relação homem e sociedade não é estática. (...) os impulsos que contribuem para as diferenças de caráter dos homens, como amor e ódio, a sede de poder e o anseio de submissão, fruição do prazer sensual e o medo deste, **são produtos do processo social.** (FROMM, *op. cit.* p. 20) (grifos meus)

Se, nas assertivas de Freud, o campo das relações humanas é demarcado pela oposição satisfação X insatisfação das necessidades básicas no inter-relacionamento do sujeito com o mundo, numa teleologia das próprias atitudes (o que importa é o fim, i.e., comprar e vender, obter e possuir, ter e ser, em que os indivíduos acabam se relacionando com os objetos ), para Fromm, as relações sociais demarcam a humanidade em sua

história: é a própria cultura, em suas muitas transformações contextuais, que determina o que é o ser humano, que molda, pois, a sua conduta, o seu caráter enquanto ser social.

Nesse passo, o que poderíamos dizer da liberdade? Qual foi a visão de Fromm, à época da publicação de “Medo à liberdade”, num cenário de ascensão de totalitarismos e políticas nefandas de segregação, exclusão e de disseminação do ódio à alteridade (leiamos, aqui, a alteridade como, no contexto de Fromm, aqueles que não se enquadrariam no ideal arianista, de uma pureza racial germânica)?

Vejamos o que ele nos diz:

Outra ilusão comum, quiçá a mais perigosa de todas, foi a de que homens como Hitler haviam alcançado o poder sobre a vasta aparelhagem do Estado unicamente por meio de astúcia e manha, que eles e seus satélites governavam exclusivamente graças à força bruta, que a população inteira era apenas o objeto involuntário da traição e do terror. (...) Fomos compelidos a reconhecer que milhões de alemães estavam ansiosos por abrir mão de sua liberdade do mesmo modo que seus pais o haviam estado por lutar por ela; que, em vez de desejarem a liberdade, eles buscavam meios de fugir dela; que outros milhões eram indiferentes e não julgavam valer a pena lutar e morrer em defesa da liberdade (FROMM, *op. cit.* p. 14)

Esse enclausuramento das individualidades, imputado pelas práticas políticas do ascendente partido nazista, não se deu de forma linear: estratégica e socialmente articulada, disseminou-se entre as camadas populares e as economicamente solapadas classes médias-baixas. Essa disseminação de ideais ultranacionalistas<sup>1</sup> promoveu um sentimento de pertencimento desses grupos sociais que se sentiam excluídos pela política de Weimar.

Em meio ao surgimento de novas paixões culturais, sejam boas ou más, a Psicologia Social, segundo Fromm, teria o terreno fértil para sua análise crítica.

Se o homem não é tão somente produto da História, mas também seu construtor, é válido reconhecer que o papel da Psicologia Social, principalmente a ensejada por Erich Fromm, é o de perceber como as energias humanas “convertem-se em forças produtivas, moldando o processo social” (FROMM, *op. cit.*, p. 21).

---

<sup>1</sup> Em “Psicologia de massas do fascismo” de Wilhem Reich (1993), vemos como o caráter consuetudinário da dominação, da hierarquia, da distinção de gênero e de classe representam a identidade humana. Para ele, sobrepõe-se, naquele cenário, a grande figura do Pai, do Führer, é mais forte no cotidiano, do que nas relações sociais. Os indivíduos daquela sociedade alemã, combalidos pelas crises sequenciais pós-1929, tenderam a assimilar ideais que voltaram-se ao pertencimento a um grupo (in casu, grupos paramilitares nazistas, em que o “juntos somos mais fortes” arremessava uns contra os outros): os nazistas, com seu partido nacional socialista, souberam utilizar das habilidades discursivas voltadas para as massas para cegar e manipular. Trabalhadores alemães que não tinha o que vestir, que mal se alimentavam, quando postos em unidades paramilitares e recebiam seus uniformes de notáveis costuras, sentiam-se mais fortes. Agora era preciso inventar um inimigo, e por que não um que historicamente já tinha o estigma de ser o inimigo do cristianismo ocidental?

Como entender, portanto, o processo de uma aceitação de uma perspectiva autoritarista, sectária e homogênea? Mais uma vez, Fromm se distanciará de Freud ao alinhar-se com a visão de uma teoria crítica que analisa o homem nas suas relações processuais histórico-culturais, inseridas em sociedades específicas.

Os anelos e medos que cercam a humanidade a fazem seguir em frente. Em face ao terror imediato que vem com o inimigo, defendemo-nos; em face à fome e sede, saciamos-nos; em face às pulsões e desejos sexuais, relacionamo-nos. Porém, opondo-se à perspectiva freudiana, a Psicologia Social de Fromm entende que as ações humanas só se consolidam no trabalho, “todavia não é nada de geral ou abstrato: é sempre trabalho concreto” (FROMM, op. cit., p. 24).

O mundo vem já pronto a nós, desde nosso nascimento, porém é com o trabalho, com sua estrutura já imposta pela cultura e pela sociedade na qual nos inserimos, que atingimos determinado pertencimento. De fato, não conseguimos fugir de toda uma estrutura social e política já pré-moldada e é bem verdade que é nela que construímos, também, nosso caráter e buscamos nosso pertencimento:

Há outra parte igualmente irresistível, que não se acha enraizada em processos corporais, mas na própria essência do estilo e prática da vida humana: a necessidade de relacionar-se com o mundo exterior e a si próprio, a necessidade de evitar a solidão. Sentir-se completamente sozinho e isolado conduz à desintegração mental, tal e qual a fome conduz à morte (FROMM, op. cit., p. 25).

Imaginemos agora o campo das relações na Alemanha destruída após a 1ª Guerra Mundial: uma massa populacional que caíra em recessão econômica buscava, mais uma vez, a voz de uma liderança que pudesse guiá-la e, para tanto, novos inimigos deveriam surgir. Por que não os judeus? Por que não aqueles que representavam a classe econômica que prosperava substancialmente, enquanto os ‘puros’ e ‘nativos’ da terra eram relegados a trabalhos – ditos – inferiores e de menor reconhecimento social? Era preciso dar voz à uma crescente ideologia que, cerceando a liberdade democrática, imputaria o ódio, o encarceramento das diferenças e o expurgo das individualidades.

O autoritarismo encontra suas forças na ignorância e adquire proporções relevantes em sociedades onde a miséria intelectual, a escassez econômica e a predisposição à violência são iminentes.

Quais seriam as relações e diferenças entre as práticas autoritárias e o cenário de Fromm e dos frankfurtianos que vivenciaram o estado totalitarista?

Com o estado totalitário, o autoritarismo político (por meio de seus múltiplos tentáculos que se fazem presentes na esfera das experiências cotidianas) assume o posto vago deixado pela fragilidade da política democrática; e o sistema capitalista, que está

sempre atuando para perpetuar-se, mascara-se como única saída harmônica, essencial à humanidade, que promove a igualdade, velando, assim, a sua verdadeira práxis: a sintetização das individualidades, reduzindo-as *in extremis* a projeções que venham a facilitar o consumo e a lucratividade.

No célebre romance ‘1984’, de George Orwell, o personagem Winston Smith vivencia, num futuro totalitarista pós-guerras, o controle exercido por um estado onipresente, inevitável a todos: o Grande Irmão (the Big Brother) manipula, vigia, coordena, controla e, quando necessário, rastreia os passos de cada cidadão da Nova Londres.

Orwell traz-nos um cenário de aprisionamento da capacidade de autorreflexão, do apagamento da individualidade e o silenciamento da possibilidade de questionar: todos iguais, todos membros do Partido, todos trabalhando para promover a perpetuação de um pseudopertencimento, para a esquizofrenia de uma liberdade vigiada; enfim, todos na função diária para se tornarem o próprio Partido.

Num estado totalitário, a manipulação da linguagem é fundamental: palavras de ordem são exaustivamente utilizadas a fim de se obter a adesão de uma ideologia; termos-chave, que incitam o ódio e a violência, são explorados para que seduzam às camadas injustiçadas e o clamor retórico fomenta a segregação daqueles que não se adequam ao ‘novo’ padrão – como fizeram Hitler (em seus pronunciamentos à nação) e Goebbels (em sua linguagem cinematográfica, pautada na ‘grandeza da raça alemã’). O estado totalitário lima e poda as arestas da consciência de si pela linguagem.

Em sua crítica à expressão “neurose política” e à redução crítica dos estudos de Koestler sobre a psicologia do totalitarismo, Theodor Adorno (2015, p. 196) afirma que o controle sobre a individualidade, dentro de uma sistemática política, social e cultural totalitarista, produzirá, cada vez em maiores proporções e intensidades, pessoas insanas:

A impiedosa dominação dos interesses do eu, ampliados em um sistema totalitário, libera uma espécie de racionalidade, muito mais superior a seus oponentes na escolha dos meios, e cega apenas para os fins. A psicologia totalitária reflete o primado de uma realidade social que produz seres humanos já tão insanos quanto ela própria.

Em ‘1984’, a Novílingua é o exemplo dessa artimanha, ao reduzir as palavras de uma língua, torná-las desconhecidas, forçá-las a ‘caírem em desuso’: tudo se articula em um processo de destruição da capacidade cognitiva. Sem palavras, sem ideias; sem ideias, sem questionamentos à ordem. Winston Smith sentiu isso:

De repente ocorreu-lhe perguntar-se: para quem estava escrevendo aquele diário? Para o futuro, para os não nascidos. Sua mente deu voltas por um momento em torno da data duvidosa na página, depois, com um solavanco, colidiu com um termo em Novafala:

duplipensamento. Pela primeira vez deu-se conta da dimensão de seu projeto. Como fazer para comunicar-se com o futuro? Era algo impossível por natureza. Ou bem o futuro seria semelhante ao presente e não daria ouvidos ao que ele queria lhe dizer, ou bem seria diferente e sua iniciativa não faria sentido.

Ficou sentado por algum tempo contemplando estupidamente o papel. A teletela passara a transmitir uma música militar estridente. Estranho, parecia não apenas ter perdido a capacidade de se expressar, como inclusive ter esquecido o que originalmente pretendia dizer. Durante semanas se preparara para aquele momento e jamais lhe passara pela cabeça que pudesse ter necessidade de alguma outra coisa que não coragem. Escrever, em si, seria fácil. Bastava transferir para o papel o monólogo infinito e incansável que ocupava o interior de sua cabeça havia anos, literalmente. Naquele momento, porém, mesmo o monólogo estancara. (ORWELL, 2000, p. 06)

Num estado constante de vigilância e manipulação, em que a linguagem é cerceada e tolhida, o personagem orwelliano tem sua voz enfraquecida, mesmo que pulse ainda, dentro de si, o sentimento de que tempo estava fora dos eixos. Quando nos faltam palavras, tateamos no escuro e, como os habitantes da caverna de Platão, acreditamos que as sombras são nossas únicas verdades. O estado totalitário sabe como agir no controle da vida e tem as estruturas do sistema capitalista para tal.

Hannah Arendt (2020, p. 408-409), no seu estudo “Origens do totalitarismo”, refletindo sobre a pobreza que se faz presente na resistência a estados e políticas totalitárias, assim, expõe-se:

Nada caracteriza melhor os movimentos totalitários em geral — e principalmente a fama de que desfrutaram os seus líderes — do que a surpreendente facilidade com que são substituídos. Stálin conseguiu legitimar-se como herdeiro político de Lênin à custa de amargas lutas intrapartidárias e de vastas concessões à memória do antecessor. Já os sucessores de Stálin procuraram substituí-lo sem tais condescendências, embora ele houvesse permanecido no poder por trinta anos e dispusesse de uma máquina de propaganda, desconhecida ao tempo de Lênin, para imortalizar o seu nome. O mesmo se aplica a Hitler, que durante toda a vida exerceu um fascínio que supostamente cativava a todos,<sup>1</sup> e que, depois de derrotado e morto, está hoje tão completamente esquecido que mal representa alguma coisa, mesmo entre os grupos neofascistas e neonazistas da Alemanha. Essa impermanência tem certamente algo a ver com a volubilidade das massas e da fama que as tem por base; mas seria talvez mais correto atribuí-la à essência dos movimentos totalitários, que só podem permanecer no poder enquanto estiverem em movimento e transmitirem movimento a tudo o que os rodeia. Assim, até certo ponto, essa impermanência é um testemunho lisonjeiro para os líderes mortos, pois significa que conseguiram contaminar os seus súditos com aquele vírus especificamente totalitário que se caracteriza, entre outras coisas, pela extraordinária adaptabilidade e falta de continuidade. Donde se conclui que pode ser errado presumir que a inconstância e o esquecimento das massas signifiquem estarem curadas da ilusão totalitária, vez por outra identificada com o culto a Hitler ou a Stálin: a verdade pode ser

exatamente o oposto. Seria um erro ainda mais grave esquecer, em face dessa impermanência, que os regimes totalitários, enquanto no poder, e os líderes totalitários, enquanto vivos, sempre comandam e baseiam-se no apoio das massas.

O biopoder e a biopolítica exercidos pelos estados autoritários engendram um cenário de terror constante. Nos interregnos da história, pela retórica da distorção, novas forças políticas chegam ao poder e, para que se solidifiquem na hegemonia, acabam por buscar ‘novos inimigos’, os ‘novos outros’ que sejam o alvo de suas insanidades.

Para Michel Foucault, o biopoder se apresenta sobre duas vertentes: como controle do corpo, percebido como corpo-máquina (e toda a domesticação, adestramento e extorsão de suas forças) e como projeto de uma biopolítica, com a regulação da vida em todas as suas esferas (natalidade, epidemia, longevidade, etc.)<sup>2</sup>.

De fato, a prática do biopoder (exercida pelas relações de poder sobre o corpo do indivíduo e sobre o corpo social), no estado autoritário, denota o exercício efetivo de uma violência simbólica, como bem tratou Pierre Bourdieu (1989). A história, falava-nos Arendt, é ingovernável. Os homens, não.

As relações de poder em um estado autoritário, totalitarista, lança mão de suas funcionalidades: atinge a família, os diálogos no dia a dia, as próprias relações cotidianas entre as pessoas, o direcionamento das tecnologias, da economia, dos discursos (sobre o comportamento sexual, político e educacional), etc.

É o que Foucault (1990, p. 161) assevera quando afirma que

É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ‘ele exclui’, ele ‘reprime’ ele ‘recalca’, ele ‘censura’, ele ‘abstrai’, ele ‘mascara’, ele ‘esconde’. De fato, o poder produz; ele produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção.

Quando olhamos para trás, o Brasil colônia do século XVII era o próprio estereótipo da dominação e das relações de poder. Subjugada, a terra servia a El-Rei, em todas as possibilidades de subserviência, a tal ponto que Padre Antonio Vieira, em um de seus ácidos sermões, vociferou:

Esta é a causa original das doenças do Brasil (...) Tomar o alheio, cobiças, interesses, ganhos e conveniências particulares. Perde-se o Brasil, senhor, porque alguns ministros de sua majestade não vêm cá buscar nosso bem, vêm cá buscar nossos bens [...]. Esse tomar o alheio é a origem da doença: toma nessa terra o ministro da Justiça? Sim, toma. Toma o ministro da Fazenda? Sim, toma. Toma o ministro da

---

<sup>2</sup> Cf.: FURTADO; CAMILLO, 2016.

República? Sim, toma. Toma o ministro da Milícia? Sim, toma. Toma o ministro do Estado? Sim, toma [...]. Muitos transe destes tens padecido, desgraçado Brasil, muitos te desfizeram para se fazerem, muitos edificam palácios com os pedaços de tuas ruínas, muitos comem o seu pão com o suor do teu rosto. Eles ricos, tu pobre; eles salvos, tu em perigo. (VIEIRA, on-line)

Para não deixar ao sabor dos ventos, e nossa atual conjuntura democrática? Como podemos entender a crescente predileção de parte dos cidadãos a ideais que se aproximam de práticas neofascistas? Estaríamos aptos, assim como parte da população alemã dos anos 30 e 40 do século XX, a aceitar o ódio como mecanismo de solução para o fracasso de nossas relações sociais e econômicas?

A República contemporânea no Brasil é oca<sup>3</sup>: os valores democráticos vêm se esvaindo, desmanchando-se no ar, ante à massificação exaustiva pelas redes sociais, pelos ‘robôs’ que disseminam fake news, pelas manipulações estatísticas. Parece-nos que houve um simbólico aborto de seu espírito, mas não nesse tempo saturado de agoras<sup>4</sup>. Desde a falaciosa independência, passando pelas ditaduras pós-1889, até o governo (democraticamente eleito) bolsonarista, a liberdade é solapada pelos discursos da elite (seja qual ela for) que quer, sempre no bojo de seu maquiavelismo histórico, fazer-se como unidade, centro e verdade. À esteira de Fromm, os fascistas, os neofascistas tupiniquins e seus novos adeptos, com os seus ranços contemporâneos que advieram da arrogância, da intolerância e de um pensamento de má-fé, são verdadeiros oportunistas, numa terra de isolados pela força da ignorância e pela brutalidade de não poder se questionar. De teorias ‘mágicas’, como a de que terra seria ‘plana’<sup>5</sup>, passando pela negação do impacto ambiental com o desmatamento e com força devastadora da agroindústria pecuarista, até à negação do papel das ciências (tão severamente ignorado, vilipendiado e distorcido nas redes sociais). Relembrando Darcy Ribeiro, o projeto de não educar alcançou o ápice no Brasil: o germe do totalitarismo atingiu dimensões pandêmicas<sup>6</sup>.

Reavivado a cada geração que experimentou frustrações políticas e econômicas, o projeto de uma cultura totalitarista, indubitavelmente, conduz às atitudes xenofóbicas, racistas, machistas, em contextos múltiplos, em muitas sociedades ao longo da história: a exclusão do diferente é, de fato, sua base.

---

<sup>3</sup> Cf.: Seminário oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense, Darcy Ribeiro, intitulado “Autoritarismo, Democracia e República”, proferido por Heloisa Starling e mediado por Fabrício Maciel, em 09 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xAkzyVXPxRY>

<sup>4</sup> Referimo-nos, aqui, à tese de Walter Benjamin sobre a multiplicidade de perspectivas analíticas sobre a história, entendida como heterogênea e, discursivamente, transformada. *Ex integra*, ele afirmou que “a história é objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas antes um tempo saturado de agoras” (BENJAMIN, 2005, p. 267)

<sup>5</sup> A insânia é veemente: <https://istoe.com.br/casal-terra-planista-se-perde-em-alto-mar-ao-buscar-borda-do-planeta/>

<sup>6</sup> Quando pensamos no estado das relações de comunicação no século XXI, com o ápice das redes sociais que atingem milhões a um clique, vemos o avanço desenfreado de fakenews, disseminação de ódio, massificação do pensamento, etc.

Generalizando-se os valores e gostos da produção cultural (num *teatro* dos experts da propaganda) e instituindo-se o cenário de replicação contínua do mesmo em todas as esferas da política e das relações sociais, homogeneízam-se os homens: surge o que Theodor Adorno e Max Horkheimer denominaram de homem genérico<sup>7</sup>, já engendrado no sistema de reprodução (capital e ideológico). Sem capacidades de entender-se como indivíduo livre, ele entende que “quem resiste, só pode sobreviver integrando-se” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 108). São as forças múltiplas que agem nos cenários de desfalecimento social e político:

Vemos que forças econômicas, psicológicas e ideológicas atuam no processo social desta forma: o homem reage à modificação das condições externas, modificando-se a si mesmo, e estes fatores psicológicos, a seu turno, auxiliam a alterar o processo econômico social. As forças econômicas são eficazes, mas não devem ser encaradas como motivações psicológicas, e sim como condições objetivas; as forças psicológicas são eficazes, mas devem ser entendidas como sendo elas próprias condicionadas historicamente; as ideias são eficazes, mas devem ser interpretadas como oriundas do conjunto da estrutura do caráter dos membros de um grupo social (FROMM, op. cit., p. 234)

Em “Eclipse da Razão”, Max Horkheimer salienta que, ainda que haja resistência, em contextos de redução das individualidades, por consequência, das liberdades do ser, o pertencimento ao grupo é uma força contínua:

Há ainda algumas forças de resistência dentro do homem. Contra o pessimismo social, há evidências de que apesar do contínuo assédio dos padrões coletivos, o espírito da humanidade ainda está vivo, se não no indivíduo enquanto membro de grupos sociais, pelo menos no indivíduo quando está só. Mas o impacto das condições existentes sobre a vida do homem médio é tal que o tipo submisso mencionado anteriormente tornou-se esmagadoramente predominante. Desde o dia de seu nascimento, o indivíduo é levado a sentir que só existe um meio de progredir neste mundo: desistir de sua esperança de autorrealização suprema. Isso ele só pode atingir pela imitação. Ele reage continuamente ao que percebe sobre si, não só conscientemente, mas com o seu ser inteiro, imitando os traços e atitudes de todas as coletividades que o rodeiam – seu grupo de jogo, seus colegas de turma, seu time esportivo, e todos os outros grupos que, como já foi indicado, forçam um conformismo mais estrito, uma entrega mais radical à completa assimilação, do que qualquer pai ou professor poderia impor no século XIX. Através da repetição e imitação das circunstâncias que o rodeiam, da adaptação a todos os grupos poderosos a que eventualmente pertença, da transformação de si mesmo de um ser humano em um membro das organizações, do sacrifício de suas potencialidades em proveito da capacidade de adaptar-se e conquistar influência em tais organizações, ele consegue sobreviver. A sua sobrevivência se cumpre pelo mais antigo dos meios biológicos de sobrevivência, isto é, o mimetismo. (HORKHEIMER, 2002, p. 146)

---

<sup>7</sup> Cf. ADORNO, HORKHEIMER. A Indústria Cultural: O Esclarecimento como mistificação das massas, 2006, 99-138.

O narcisismo social ataca as individualidades, pelas demagogias das mais diversas estirpes que recuperam discursos de ódio e maledicência. O caráter do eu dissolve-se numa prisão que o atrofia, num cálculo utilitário de maximização de uma felicidade que somente se concretiza na exclusão do outro. Em outras palavras,

O caráter social provém da adaptação dinâmica da natureza humana à estrutura da sociedade. As modificações das condições sociais dão margem a mudanças no caráter social, isto é, a novas necessidades e angústias. Essas novas necessidades fazem surgir novas ideias e, por assim dizer, tornam os homens suscetíveis a estas; estas novas ideias, por sua vez, tendem a estabilizar e a intensificar o novo caráter e a determinar as ações humanas. Por outras palavras, as condições sociais influem nos fenômenos ideológicos por intermédio do caráter; o caráter, por outro lado, não é o resultado do ajustamento passivo às condições sociais, porém de um ajustamento dinâmico baseado em elementos que ou são biologicamente inerentes à natureza humana ou então se tornaram inerentes em consequência da evolução histórica. (FROMM, op. cit., p. 235)

Silenciosa e rasteira a ideologia do fascismo expandiu-se no tempo de Horkheimer, Adorno e Fromm. Este, ao tratar da plasticidade psicótica do discurso de Hitler, lembra-nos do poder de sua retórica, com a qual, apresentando-se feito um Messias, que salvaria as classes relegadas após o Tratado de Versalhes, como uma voz que guiaria a toda a nação em face aos inimigos internos (os judeus, os ciganos e quaisquer outros que não fossem a nata da casta ariana). Indubitável é que o nazismo/fascismo nunca tiveram genuinidade política ou mesmo que acrescentassem novas formas de alavancar a economia: foram oportunistas (FROMM, op. cit., p. 176).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No viés de um discurso sobre o pertencimento dos negligenciados, líderes despóticos e totalitaristas como Hitler e Mussolini (outros mais contemporâneos, numa linha de verdadeiro *neoautoritarismo*) satisfizeram a necessidade de uma classe de se sentirem inseridas, agora, dentro de um sistema. Fromm sabia que o homem tem horror à solidão, e Horkheimer complementou ao tratar do mimetismo, da repetição das ações individuais com as quais pessoas unem-se a grupos. Satisfeitos emocionalmente com o alarde e a algazarra dos comícios noturnos hitlerianos, considerável parte da população alemã foi conduzida a aceitar o discurso de ódio. Não estava mais tomada pelo sentimento de insignificância e mesmo impotência que minavam sua vida: agora era parte do III Reich.

De fato, o sistema político capitalista, cuja face é o que Adorno e Horkheimer denominaram de Indústria Cultural, criou um denominador comum nas sociedades: aqueles que aceitam e participam, sendo pertencentes a algo “maior” e os outros, que se distanciam e devem ser rechaçados por não fazerem parte do circuito homogêneo. Válido notar que nada disso seria possível sem a figura de um líder autoritário, cuja sádica sede de poder é multiforme (FROMM, op. cit., p. 177).

Em outra passagem, Fromm (1961, p. 343) assim se posiciona:

Ao construir a nova máquina industrial, o homem tornou-se tão absorvido pela nova tarefa que ela se tornou o mais importante objetivo de sua vida (...). No processo de divisão sempre maior do trabalho, da mecanização crescente do trabalho, e do aumento sempre crescente das aglomerações sociais, o homem tornou-se, ele próprio, uma parte da máquina e não o seu senhor. Passou a sentir-se como uma mercadoria, como um investimento; seu objetivo tornou-se o de ser um sucesso, isto é, de vender-se o mais lucrativamente possível no mercado<sup>8</sup>.

Por fim, sobra-nos o espectro de Janus: a história não é retilínea, homogênea e estável, posto que, de fato, seja um constructo discursivo, plurissignificativo e multifacetado, sobre o qual devemos nos debruçar e tentar reinterpretar as imagens (que, como Walter Benjamin advertiu, passam sempre como relampejos velozes) e lições, as quais podem vir a ressignificar nossas expectativas sobre o presente. Para tanto, os ensinamentos de Fromm (1961, p. 341 *et seq.*) e sua práxis vinculada à Psicologia Social frankfurtiana nos auxiliam a perceber o que está velado por trás dos discursos que se querem fazer como verdades imutáveis.

Sem ufanismo ou nostalgia para que saibamos ver – no espaço discursivo da história e, por extensão, no terreno da cultura (como na literatura) que a representa e lhe dá significados – os caminhos para o desdobramento de um futuro, no qual a liberdade, para além da esfera liberal econômica, cerceadora das identidades e das individualidades, possa emergir como um imperativo categórico com o qual possamos nos guiar.

---

<sup>8</sup> No sentido de seguir a linha histórica, vemos hoje como a indústria cultural relativizou os costumes, moldou os padrões sociais e transformou os seres humanos em uma categoria *zumbi*, dominados pela necessidade constante de consumir, inconsequentemente, tudo. Zygmunt Bauman (2008) traz uma considerável discussão sobre o consumismo em “Vida para Consumo”, cujo subtítulo é revelador: a tese é clara, estamos nos transformando na própria mercadoria, pois vendemos nossos corpos, nossas imagens e até nossas ideias. Vale também citar aqui a obra de Jean Baudrillard (1989), “Sociedade de Consumo”, que, pensando na segunda metade do século XX, trará as raízes do consumismo ocidental.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: UNESP, 2019.
- ADORNO, T. *Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise*. Verlaine Freitas (trad.). São Paulo: EdUNESP, 2015.
- ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2020.
- BAUDRILLARD, J. *Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: *Magia e Técnica. Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 2005.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 161.
- FROMM, E. *Medo à liberdade*. Octávio Alves Velho (trad.). 14ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.
- FROMM, E. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1961.
- FURTADO, R. F. CAMILO, J. A. O. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 6, n. 3, dez. 2016, p. 34-44. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692016000300003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000300003). Acesso em: 09 set. 2020.
- HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002.
- ORWELL, G. 1984. São Paulo: Cia das Letras, 2000. Disponível em: <https://www.livrariapublica.com.br/2019/04/1984-george-orwell.html>. Acesso em: 09 set. 2020.
- REICH, W. *A Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins fontes, 1993.
- VASSOLER, F. L. *A personalidade autoritária como base do cotidiano*. Casa do Saber. 2017. 16 min, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFRww4gkyw0&feature=share>. Acesso em: 19 de set. 2020.
- VIEIRA, Padre Antonio. *Sermões*. Disponível em: <https://dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 10 set. 2020.

## **Sobre os Autores**

### **Autor 1: Renato Marcelo Resgala Júnior**

Doutor em Sociologia Política pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense - Darcy Ribeiro, em Campos dos Goytacazes; membro do Ateliê de Estudos de Gênero - ATEGEN do PPGSP. Professor da UniRedentor-Afya.

### **Autor 2: Marinete dos Santos Silva**

Possui mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1976) e doutorado em Estudo das Sociedades Latino Americanas - Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) (1991). Atualmente é Professora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro dos Cursos de Graduação em Ciências Sociais e Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (mestrado e doutorado). É também coordenadora do Ateliê de Estudos de Gênero (ATEGEN). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, atuando principalmente nos seguintes temas: desigualdade de gênero, violência de gênero, escravidão, educação e cidadania. Foi professora visitante da Universidade Federal do Pará e pesquisadora associada ao Programa de Pós-Graduação em História (mestrado e doutorado) da Universidade Federal Fluminense.